

Jericho | Entre | Breve

*Henrique Grimaldi Figueredo**

Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e atualmente Pesquisador Visitante na École des Études en Sciences Sociales (EHESS). Atua como editor executivo do periódico Todas as Artes, sediado na Universidade do Porto (UPorto).

 <https://orcid.org/0000-0002-6324-4876>

Recebido em: 13 jul. 2021. **Aceito em:** 02 set. 2021.

Como citar esta produção artística:

FIGUEREDO, Henrique Grimaldi. Jericho, Entre, Breve. *Revista Letras Raras*, p. 273-276, v. 10, n. 4, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8404195>

*there's nothing more holy
than holding a man's heartbeat
between your teeth
Ocean Vuong [excerto]*

Jericho

O pelo áspero ao toque da língua
informa:
é passado o instante do sossego.
E o salobro sumo que verte a pele
-- notas de tabaco e madeira --
indica o nascimento de uma religião. Forte é a reza
que se faz,
quando de joelhos,
se espera pela eucaristia
[que] metálica talvez vaporosa, estíptica ao ar
vaza e assenta-se nos molares como uma reminiscência
talvez vestígio, indubitavelmente cicatriz &
agudizada,
porque o êxtase, aprendemos, tende a encarnar-se no verbo

*

 henriquegrimaldifigueredo@outlook.com

[que pulsa]
É nesse instante entre a queda e o voo
que a orelha
feita teu oratório
recolhe a insistência naquilo de inaudível
que reside
-- se bem que fugidio --
no suspiro,
no arfar; quando as bocas se tocam entreabertas e não se beijam
[penso, forma-se ali
um idioma]
que vai ao meio -- não meu, não seu, mas por alguns instantes nosso --
E se houve alguma morte era porque ansiamos pelo divino
e se houve algum divino era porque sempre foi
estritamente necessário
voltar a habitar
a carne.
Você e eu, habitamos o átimo da inexistência da dor
entre o toque aveludado do punho que soqueia a face,
e o contragolpe da mandíbula em ossatura.
Habitamos a reza
-- de joelhos --

Entre

O que é uma fenda?
o instante suspenso da mãe que sulca com as unhas a terra
para em seguida tapar a cova do filho da guerra
o abismo indistinto entre a morte da chama e a tessitura do vapor
os segundos que correm entre o corte e o sangue
o silêncio vibrátil entre a declaração e a resposta, torpe -- eu te amo; [...] --
O que é uma fenda?
o istmo milimétrico entre as bocas que exalam afiado sopro
no embaçamento que precede o beijo
ou o vácuo ressudado que se desenha -- por um breve instante, repetido --
entre a barriga e as costas em [nossa] antropofagia?
adiamento entre o disparo e a entrega, arfante
-- de um corpo feito mel e rum que cai, em êxtase --
e a ardência que antecipa o indicador que me contorna o umbigo?
O que é uma fenda?
a distância entre a quinta e o sábado
em fricção de deslembração
que descontinua o mapa para fazer corpo esquecer corpo
cheiro extraviar cheiro
ponto cego entre o eco robótico no interfone
e os trinta passos, talvez mais, até a cama
O que é uma fenda?

o intervalo entre o incisivo que corta a fruta
e caldo crepuscular a escorrer torso afora
-- convite áfono --
à fenda.

e diz,
Rapaz tolo, deixe de palmilhar o vazio
a procura de um deus que faça sentido
a fenda é a fenda, já está
para mensurar a rachadura não há
metodologia poética cabível

há uma fenda no muro,
mas nada passa
[you may come this far but no further]

Breve [*French Kiss*]

E foi assim que ficamos no mundo
dois bichos desenhados a carvão e neblina
esperando uma partícula qualquer de remissão
ou de promessa
como os aviões que se imagina que um dia levantarão voo
mas nunca se sabe
e vive naquele instante, breve,
a colisão
entre a esperança e a desistência
que é própria da coleta pouco algébrica das uvas
e ao pássaro que insistindo no atlântico
despenca
derradeiro
numa dança

E assim ficamos no mundo
dois rebentos copiosamente escorregadios
desenhados a carvão e neblina
a vigiar a poeira
que se acumulava nas calças cambaleantes do terrível infante, -- triste legatário do rei da ilusão --
a transformar beijo em asfixia
nesses casos, a manobra médica
é a língua que perfura a barreira
quase mítica entre silêncio e fala
e ao buscar a garganta

tira também a dúvida
e doce mesmo, mon cher, a mesma língua
que ao cartografar também a boca
ignora que acaba de inventar o verão